

Questões Específicas

- Outras modalidades textuais:

1. ARTIGO DE OPINIÃO
2. COLUNA
3. CRÔNICA
4. EDITORIAL
5. CARTA DOS LEITORES

1. Escritor mesmo - Martha Medeiros

Sempre me considereei uma mulher adaptável. Me convide para um baile na corte ou um churrasco na laje, e me sentirei em casa pelo simples fato de estar bem assentada em mim. O que vier eu destrincho, desdobro.

Isso até outro dia, quando voltei a frequentar a única espécie de roda que me faz tremer na base: a dos festivais literários. No início correu tudo bem, conversei com colegas que conhecia de vista ou de nome, rimos muito, viramos uma turma, mas houve um momento em que os astros deram uma pirueta nos céus e desconfiguraram a cena: sem entender como, fui parar numa mesa de restaurante com três figurões da literatura com quem nunca havia interagido antes. Calma, qual o espanto? É só participar do papo, você já fez isso mil vezes.

Aí é que está. O papo foi sobre as variadas vertentes do judaísmo. A filosofia alemã do século 18. Os mais influentes documentários políticos da história. As consequências da xenofobia francesa para a economia. Quando escutei um deles declarar furioso “Nem arrastado eu moraria em Paris”, pedi licença, me levantei e fui ao encontro de uma blogueira divertida que amaria estudar em Paris, casar em Paris, ser infeliz em Paris.

Há gente que vive de escrever e há os escritores mesmo. Aqueles da mesa eram escritores mesmo. Alto padrão intelectual. Colecionadores de prêmios. Catedráticos viajados, virtuosos da língua, candidatos fortíssimos à Academia Brasileira de Letras. Eu? Uma penetra. Mesmo.

Esse episódio me fez lembrar uma conversa que tive com um amigo da adolescência que convive comigo desde sempre, sabe a gaiata que sou, e que me disse que muita gente que não me conhece pensa que, se me levar a um restaurante, vai ter que enfrentar essa mesma discussão filosófico-cultural. Dei risada. Ele me olhou bem sério e disse que não era brincadeira: escritores assustam, ele garantiu. Quase chorando, perguntei: isso significa que estou ferrada? Ele me abraçou e disse: está, amiga. Se quiser sair e namorar, entre no Facebook e procure a turma da praia, do colégio, do clube, do bairro, aqueles que conviveram com você antes de você ter dado certo.

Fiquei tão desolada que ele me pagou outra cerveja.

Era machista sua avaliação, mas, quando me vi cercada pelo grupo erudito, entendi. Se aquela era a imagem que se fazia dos escritores, coitados de nós. Estávamos em maus lençóis. Quem se aproximasse acreditaria estar condenado a debates e palestras até durante o bem-bom.

Há os escritores mesmo, cuja sabedoria sobressai desde o aperitivo até a sobremesa (e têm todo o meu respeito), e há aqueles que apenas tiveram o privilégio de publicar seus textos e que dão pitacos sobre cultura pop, cinema, viagens, televisão, futebol, encenicas, roubadas, amores, alegrias, assumindo o mundanismo que os constitui. Não sou uma escritora mesmo. Não sou nada que mereça o “mesmo” como reforço. Meio baile na corte, meio churrasco na laje. Mesmo, mesmo, bem intencionada – e só.

Fonte: ZERO HORA 16/11/2014

2. A reforma de que não se fala – Zuenir Ventura – 15/11/2014

Hoje, o Nordeste é também aqui — até seca o Sudeste tem. Mas de reforma urbana nunca se falou e não se fala.

É terrível saber que enquanto faço minha caminhada diária pelo calçadão de Ipanema, seis pessoas são assassinadas no país. E que, ao terminar de escrever esta coluna, três ou quatro brasileiros tiveram o mesmo fim. Em frios dados estatísticos, a média é de um homicídio a cada dez minutos. Só em 2013, foram quase 53 mil assassinatos, sem falar em 50 mil estupros registrados. A cultura da violência e da morte está em toda parte. Nossos policiais matam mais em cinco anos do que os americanos em trinta. Os agentes da lei executam seis pessoas por dia. Falamos com espanto de regiões do mundo em conflito armado, mas esquecemos que muitas vezes nossa realidade se equipara ou supera as mais distantes. Matamos muito mais no dia a dia do que, por exemplo, os choques mortais entre israelenses e palestinos. Até a guerra do Vietnam, que durou cerca de duas décadas, causou um número de mortos 25% inferior ao que o Brasil produziu ao longo dos últimos 20 anos.

Para especialistas, o número de mortes violentas já caracteriza uma crise endêmica e, por isso, talvez seja a questão mais preocupante do país, mesmo considerando que a nossa democracia enfrenta outros problemas como pobreza, desigualdade, educação. Ela devia nos motivar imediatamente, porque na área de segurança os avanços são pouco consistentes, quando existem. O mais estranho é que, apesar da importância, o tema não sensibilizou os candidatos à Presidência, frequentando muito pouco suas reflexões. Nos debates, eles se mostravam mais preocupados com a economia, como se a violência não tivesse também, além das perdas de vidas, prejuízos sociais e econômicos. Um estudo mostra que hoje o custo com seus efeitos já chega a 5,4% do nosso PIB, ou R\$ 285 bilhões.

Nos anos 60, a luta pela reforma agrária contra a miséria, a violência e a seca mobilizou o país (e até ajudou a derrubar o presidente João Goulart e a implantar o golpe militar). Acreditava-se que essas mazelas só existiam lá em cima, eram flagelos do sertão nordestino, enquanto um ovo de serpente se chocava no que o humorista Henfil chamava ironicamente de “Sul maravilha”. Hoje, o Nordeste é também aqui — até seca o Sudeste tem. Mas de reforma urbana nunca se falou e não se fala. E nem temos para imortalizar o drama das nossas metrópoles em crise o consolo literário de obras-primas como o poema “Morte e vida severina”, de João Cabral de Mello Neto, e o

romance “Vidas secas”, de Graciliano Ramos. Os dois ainda renderam subprodutos à altura dos originais que serviram de inspiração: a música de Chico Buarque e o filme de Nelson Pereira dos Santos.

3. Chicungunha - Drauzio Varella

Com as chuvas, não haverá como conter o chicungunha, que não mata, mas deixa todo mundo doente

Como se a dengue fosse pouco, bate à porta o vírus chicungunha, transmitido pelo mesmo mosquito.

Em dezembro de 2013, aconteceu um surto de febre chicungunha na ilha de Saint Martin, que se espalhou para outras ilhas do Caribe e para as Américas Central e do Sul.

Oito meses mais tarde, a Organização Mundial da Saúde confirmava um total de 576 mil casos nas Américas, o dobro do mês anterior.

No Brasil, o Ministério da Saúde contabilizou 337 casos no dia 11 de outubro, número que saltou para 824 em duas semanas, distribuídos principalmente entre Oiapoque (330 casos), no Amapá, Feira de Santana (371 casos) e Riachão do Jacuípe (82 casos), na Bahia.

A disseminação rápida é atribuída à ausência de imunidade na população e à distribuição dos mosquitos-vetores capazes de transmitir o vírus: *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, os mesmos da dengue.

Chicungunha é um arbovírus descrito em 1952, numa epidemia na Tanzânia. O nome "chikungunya" veio da língua Kimakonde, com o significado de "homem que anda arqueado", referência às dores articulares da enfermidade.

Como a história da dengue e da febre amarela, a do chicungunha é indissociável do comportamento humano. O aquecimento e a seca que assolaram o norte da África há 5.000 anos forçaram espécies ancestrais de *Aedes* arbóreos a adaptar-se aos ambientes em que os homens armazenavam água.

Assim, o *Aedes aegypti* se desenvolveu como uma subespécie dependente do nicho ecológico criado por agrupamentos humanos. Iniciado há 500 anos, o tráfico de escravos africanos se encarregou de espalhar pelo mundo o mosquito e os vírus que o infectavam.

A partir de então, dengue, febre amarela e chicungunha causaram epidemias nos cinco continentes.

A febre chicungunha, que emergiu na África, chegou à Ásia e às Américas há dois ou mais séculos, provocando uma epidemia em Jacarta, em 1779, e pandemias em diversas partes do hemisfério ocidental, na década de 1820.

Tradicionalmente, esses surtos foram atribuídos à dengue, uma vez que o vírus chicungunha só foi reconhecido a partir dos anos 1950.

Ao contrário da dengue, porém, em que o número de infecções assintomáticas é pelo menos três ou quatro vezes maior do que as sintomáticas, a infecção pelo chicungunha causa doença em 72 a 95% das pessoas picadas pelo mosquito infectado.

Depois de um período médio de incubação de três a sete dias, surgem: febre alta (acima de 39°C) de início abrupto, cefaleia, dores musculares, conjuntivite, náuseas, vômitos, e vermelhidão pelo corpo. Mas o que predomina são as dores articulares, debilitantes, que acometem simetricamente diversas juntas, especialmente as de mãos e pés.

Uveíte, retinite, hepatite, miocardite, meningoencefalite e bolhas na pele são complicações mais raras.

O quadro evolui para a cura em sete a dez dias. Mortes são eventos muito raros, restritos aos mais velhos debilitados por doenças como diabetes, enfisema, insuficiência cardíaca e outras.

O diagnóstico é confirmado por exames de sangue (cultura viral, RT-PCR ou IgM).

Não existem medicamentos específicos para atacar o vírus. O tratamento é paliativo: repouso, hidratação oral ou intravenosa, analgésicos e antipiréticos.

O problema maior com o chicungunha são as dores articulares, que não se limitam apenas à fase aguda; podem persistir por meses ou anos. Estima-se que um ano mais tarde, de 20 a 50% dos infectados ainda sentirão dores fortes, incapacitantes.

Na atual epidemia que assola as ilhas francesas do Caribe, cerca de 15% dos habitantes procuraram atendimento médico. Os epidemiologistas calculam que uma vez instalada a doença numa área povoada pelo Aedes, pelo menos 30% da população será infectada, a menos que se adotem medidas intensivas de combate ao mosquito.

O chicungunha será uma ameaça para nós? Já é, como demonstra a velocidade de disseminação na Bahia e no Amapá. Com a chegada das chuvas, quando a dengue inferniza milhões de brasileiros, não haverá como conter o chicungunha, que não mata, mas deixa todo o mundo doente.

E, pior, com dores articulares crônicas que sobrecarregarão nosso já combalido sistema de saúde.

4. O ônus da violência – Folha de São Paulo – 17/11/2014

Homicídios não só destroem famílias e levam ansiedade à população mas também causam prejuízos bilionários à economia e ao país.

Um engano frequente entre estrangeiros que visitam o Brasil está em confundir com mansidão a proverbial cordialidade dos nacionais. Um país com índice de homicídios no patamar de 25,2 casos por grupo de 100 mil habitantes só pode ser classificado como violento --e paga caro por isso.

Surge agora uma cifra para emprestar a objetividade fria dos números ao descalabro no setor de segurança: R\$ 258 bilhões, ou 5,4% do PIB brasileiro. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, tal é o custo imposto à nação pelos mais de 50 mil assassinatos praticados a cada ano.

A maior fatia do ônus, R\$ 114 bilhões, corresponde à perda de capital humano. As vítimas mais comuns de homicídios são jovens, cuja vida produtiva se vê interrompida logo ao começar, com consequências financeiras graves para os familiares remanescentes.

No cômputo da parcela complementar entram gastos com segurança privada, seguros, sistema hospitalar, prisões e investimentos nas corporações policiais.

Considerados só os investimentos governamentais na área, aplica-se 1,26% do PIB brasileiro. Um percentual semelhante ao despendido nos EUA (1%) e na União Europeia (1,3%), que no entanto ostentam taxas de homicídio muito mais baixas, respectivamente 4,7 e 1,1 casos por 100 mil habitantes.

A conclusão parece inescapável: nosso gasto é ineficiente. Na América do Sul, o Chile destina 0,8% do PIB e tem taxa de 3,1 por 100 mil.

Suscita ainda mais consternação verificar que, no ano passado, 2.212 mortes se deram pelas mãos de policiais. No último quinquênio, conforme o anuário, houve 11.197 vítimas da letalidade das forças de segurança, mais do que mataram em três décadas todas as polícias dos Estados Unidos, com população 60% maior.

Não há como se orgulhar desses indicadores. Nem mesmo quando se observam as diferenças entre as realidades do crime aqui e lá e a violência epidêmica em redutos brasileiros do crime organizado.

Só uma sociedade acossada por décadas de insegurança permite vicejar em seu meio a noção distorcida de que a eficácia policial possa ser mensurada pela quantidade de suspeitos que mata, e não pelo número de investigações que levam à correta identificação dos autores e à condenação pela Justiça.

Nesses quesitos, nossos indicadores são indecentes de tão baixos. E todos pagamos por eles -- em vidas, ansiedade e, agora se sabe, centenas de bilhões que teriam muito melhor emprego como investimentos em saúde e educação, cruciais para o desenvolvimento do país pelo que lhe acrescentam, e não pelo que subtraem.

5. Carta dos leitores



Rio-2016

"Sou um paulista sem dor de cotovelo: estou festejando a escolha do Rio para sediar a Olimpíada. Isso porque, se estão sobrando R\$ 34 bilhões para desperdiçar com os jogos, significa que o governo não tem mais desculpas esfarrapadas para criar novos tributos, como a "nova" CPMF."

RICARDO LUÍS BOMFIM VAZ (Franca, SP)

(In: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0710200910.htm>)

- Outras leituras

Texto 1

Há trinta anos, os adolescentes encontravam o sexo oposto em bailes de salão organizados por clubes, igrejas ou pais responsáveis preocupados com o sucesso reprodutivo de seus rebentos.

Na dança de salão o homem tem uma série de obrigações, como cuidar da mulher, planejar o rumo, variar os passos, segurar com firmeza e orientar delicadamente o corpo de uma mulher. Homens levam três vezes mais tempo para aprender a dançar do que mulheres. Não que eles sejam menos inteligentes, mas porque têm muito mais funções a executar. Essa sobrecarga em

cima do homem permite à mulher avaliar rapidamente a inteligência do seu par, a sua capacidade de planejamento, a sua reação em situações de stress. A mulher só precisa acompanhá-lo. Ela pode dedicar seu tempo exclusivamente à tarefa de avaliação do homem.

Uma mulher precisa de muito mais informações do que um homem para se apaixonar, e a dança permitia a ela avaliar o homem na delicadeza do trato, na firmeza da condução, no carinho do toque, no companheirismo e no significado que ele dava ao seu par. Ela podia analisar como o homem lidava com o fracasso, quando inadvertidamente dava uma pisada no seu pé. Podia ver como ele se desculpava, se é que se desculpava, ou se era do tipo que culpava os outros.

Essa convenção social de antigamente permitia ao sexo feminino avaliar numa única noite vinte rapazes entre os 500 presentes num grande baile. As mulheres faziam um verdadeiro teste psicológico, físico e social de um futuro marido e obtinham o que poucos testes psicológicos revelam. Em poucos minutos conseguiam ter uma primeira noção de inteligência, criatividade, coordenação, tato, carinho, cooperação, paciência, perseverança e liderança de um futuro par.

Infelizmente, perdemos esse costume porque se começou a considerar a dança de salão uma submissão da mulher ao poder do homem, porque era o homem quem convidava e conduzia a mulher.

Criaram o disco dancing, em que homem e mulher dançam separados, o homem não mais conduz nem sequer toca no corpo da mulher. O som é tão elevado que nem dá para conversar, os usuais 130 decibéis nem permitem algum tipo de interação entre os sexos.

Por isso, os jovens criaram o costume de “ficar”, o que permite a uma garota conhecer, pelo menos, um homem por noite sem compromisso, em vez de conhecer vinte rapazes numa noite, também sem compromissos maiores.

Pior: hoje o primeiro contato de fato de um rapaz com o corpo de uma mulher é no ato sexual, e no início é um desastre. Acabam fazendo sexo mecanicamente em vez de romanticamente como a extensão natural de um tango ou bolero. Grandes dançarinos são grandes amantes, e não é por coincidência que mulheres adoram homens que realmente sabem dançar e se apaixonam facilmente por eles.

Masculinizamos as mulheres no disco dancing em vez de tornar os homens mais sensíveis, carinhosos e preocupados com o trato do corpo da mulher. Não é por acaso que aumentou a violência no mundo, especialmente a violência contra as mulheres. Não é à toa que perdemos o romantismo, o companheirismo e a cooperação entre os sexos.

Hoje, uma garota ou um rapaz tem de escolher o seu par num grupo muito restrito de pretendentes, e com pouca informação de ambas as partes, ao contrário de antigamente.

Eu não acredito que homens virem monstros e mulheres virem megeras depois de casados. As pessoas mudam muito pouco ao longo da vida, na realidade elas continuam a ser o que eram antes de se casar. Você é que não percebeu, ou não soube avaliar, porque perdemos os mecanismos de antigamente de seleção a partir de um grupo enorme de possíveis candidatos.

Fico feliz ao notar a volta da dança de salão, dos cursos de forró, tango e bolero, em que novamente os dois sexos dançam juntos, colados e em harmonia. Entre o olhar interessado e o “ficar” descompromissado, eliminamos infelizmente uma importante etapa social que era dançar, costume de todos os povos desde o início dos tempos.

Se você for mãe de um filho, ajude a reintroduzir a dança de salão nos clubes, nas festas e nas igrejas, para que homens aprendam a lidar com carinho com o corpo de uma mulher.

Se você for mãe de uma filha, devolva a ela a oportunidade que seus pais lhe deram, em vez de deixar sua filha surda, casada com um brutamontes, confuso e insensível idiota.

(KANITZ, Stephen. In: Revista Veja, 27/10/04.)

Texto 2

O OGRO VERDE-AMARELO

Há uma novela no ar que promete uma escalada de emoções até meados de 2010. Quem quiser bom entretenimento, preste atenção ao Dunga – não o da Branca de Neve.

O técnico da seleção brasileira de futebol já tinha dado sinais sutis de sua diplomacia de neandertal. Mas ainda estava contido, em sua aparente condição de tapa-buraco num dos cargos mais visíveis da vida nacional. Aí o Brasil desandou a ganhar tudo, e o homem acidental cresceu.

Dunga é um eloquente revival do estilo verde-oliva pós-64. Mais por ignorância que por prepotência, acredita que a imprensa seja uma espécie de casca de banana da sociedade. Um cisco no olho do país que alguém esqueceu de tirar.

Confirmado como o comandante brasileiro na Copa do Mundo, Dunga sentiu-se finalmente imunizado. Deixou para trás os muxoxos encabulados e iniciou o seu show.

O futebol no Brasil é o paraíso das bestas-feras. Uma vitória, um título, uma taça as fazem sentir-se acima das instituições. E talvez fiquem mesmo. O técnico da seleção brasileira, que já demonstrara em suas contrações faciais a ojeriza à crítica, agora vai ao ataque. Quer decidir o que os repórteres podem perguntar-lhe.

Com a classificação antecipada para a Copa, Dunga resolveu perseguir um jornalista que o criticara. É uma lógica simples: se seu time ganhou o jogo, o crítico tem que perder a cabeça (no sentido medieval da coisa).

Aí entra em cena essa confraria mafiosa da seleção brasileira, transformada em propriedade privada dos ídolos milionários.

Todos devem se recordar do grave incidente diplomático em que se transformou uma bolha no pé de Ronaldo Fenômeno na última Copa. A imprensa foi ostensivamente convidada a deixar o jogador e sua obesidade em paz, sob pena das costumeiras represálias da engrenagem, como colocar jornalistas na geladeira.

O fiasco na Alemanha acabou servindo à liberdade de expressão. Essa turma quando está por baixo fica altamente democrática.

Dunga está por cima. Já avisou que os jornalistas têm que rever sua forma de trabalhar. De preferência calados, pode-se deduzir. A novela promete outras cenas de perseguição individual e discurso obscurantista.

O suspense é se o Brasil vai continuar permitindo que vitórias da seleção autorizem caneladas na democracia.

(In: <http://colunas.epoca.globo.com/guilhermefiuza/> 24/09/09)